

O Mestre de Todas as Cordas Violas, cavaquinhos, bandolins, guitarras e um museu fazem parte da vida de Domingos Machado há mais de trinta anos

Egídia Souto

Domingos de Sousa Machado é o orgulho da cidade de Braga, famoso pela arte de construir instrumentos, é hoje um dos artesãos mais procurados a nível mundial. Este homem decidiu que haveria de dedicar a sua vida a construir todos os cordofones tradicionais portugueses. Missão ambiciosa e colossal, mas que Domingos Machado viu cumprida, com a inauguração do primeiro Museu de Cordofones portugueses, em 1995. É lá que podemos encontrar réplicas fiéis de cerca de setenta instrumentos musicais, desde as guitarras aos bandolins, passando pelas violas típicas até aos instrumentos mais raros, como o bandoloncelo, a bandolira, a viola de arco, a violeira.



Domingos Machado toca uns acordes de cavaquinho, construído para a Tuna de Coimbra - Foto E. Souto.

O Museu de Cordofones de Domingos Machado é um exemplo raro. Trata-se do primeiro museu português, dedicado exclusivamente aos instrumentos de corda. Mas todos os instrumentos em exposição foram elaborados pelas mãos do mesmo artesão, que com doze anos saiu da escola para se dedicar a tempo inteiro à construção de violas, ajudando o seu pai, que era já um violeiro conhecido na região de Braga.

Uma história que nos conta a história, a partir do momento em que Domingos Machado abre a porta do seu museu e, com naturalidade, vai mostrando o que de melhor sabe fazer: criar e recriar instrumentos. Assim, numa viagem pela etnografia portuguesa, podemos ver a beleza dos instrumentos de corda, e, através das mostras, admirar os cerca de setenta instrumentos que constituem este espólio. Além dos cordofones, o espaço exibe ferramentas de trabalho do pai do violeiro; uma coleção de cavaquinho em diversas fases de acabamento; uma coleção de recorcos típicos da região de Braga; vários discos e livros do ofício. Numa das pequenas salas do Museu, não faltam fotografias, nem testemunhos das muitas homenagens que recebeu Domingos Machado, dos encontros com amigos, como Amália Rodrigues e o célebre produtor dos Beatles, Oliver Alve e George Harrison.

Grandes nomes por lá passaram e o construtor tem hoje direito a figurar nos melhores dicionários estrangeiros da especialidade. Mas a fama parece não o preocupar, o que o preocupa mesmo é a música e os instrumentos, por isso recebe com o mesmo à vontade os célebres músicos, como recebe aos sábados o grupo de amigos que se

reúne na oficina para tocar e beber uns copos de vinho verde... É que a oficina de Domingos Machado está paredes meias com a adega de vinho, que alberga madeira para a construção dos instrumentos, e um contrabaixo, que está ali para reparar há já alguns anos. O artesão “não chega para as encomendas”. Apesar de ir para a oficina às oito da manhã e só de lá sair à meia-noite, o tempo é sempre pouco, e chega a recusar trabalho por falta de tempo.



O artesão lixa uma guitarra portuguesa de fado - foto E. Souto

“O destino escolheu-me o ofício”

O artesão confessa não ter dado pelos trinta anos que já lá vão, desde que decidiu aceitar que o destino era mesmo de ficar a trabalhar com o pai e aprender o ofício que lhe estava destinado. Pois Domingos Machado andou de profissão em profissão, desde electricista a moço de recados e, por, fim, encontrou trabalho na Litografia do Norte. Mas o dinheiro que ganhava não chegava para as despesas e acabou por se conformar com a ideia de trabalhar com o pai.

Mais tarde, é o etnólogo Ernesto Veiga de Oliveira, que em 60, o esti-

mula enaltecendo a importância e relevância cultural do ofício de Domingos Machado. Nessa altura, pede-lhe para restaurar alguns instrumentos para o Museu de Etnografia, em Lisboa. Domingos Machado inicia um grande trabalho de investigação de etnologia musical e percorre o país à procura de instrumentos raros. É o caso de algumas peças medievais que construiu a partir de esculturas de fachadas de pedra da igreja de Orense. Mas não lhe basta ver o formato, depois é necessário todo um trabalho de pesquisa, incluindo obras históricas e manuais técnicos, aliás, nem sempre acessíveis. Seguidamente, basta-lhe aliar técni-

ca e talento para que o instrumento fique perfeito.

Talento que parece ter nascido com este homem, e que tem vindo a passar de geração em geração. De momento, o filho de Domingos Machado trabalha com o pai, e os netos parecem querer continuar a reavivar o legado da família. O artesão vê quase completa a sua colecção e, actualmente, debruça o seu trabalho sobre uma viola típica dos Açores mas com dezoto cordas. Domingos Machado conta a sua história e não esconde que foram as violas de rock que o ajudaram a subir na vida, vida essa feita de felizes coincidências.

A arte de reavivar as tradições

Egídia Souto — Apesar de ter iniciado a profissão contrariado, depressa o seu nome passou a ser conhecido. Quando é que começou a ter nome nas casas comerciais?

Domingos Machado — Tudo começou quando eu ainda estava a cumprir o serviço militar, em Alenquer. Num dia de folga, decidi ir dar uma volta pelas casas comerciais de Lisboa, para ver se arranjava algumas encomendas. Nessa altura, o forte de meu pai eram as vendas nas feiras e romarias e eu não queria isso para mim... Dei umas voltas e consegui arranjar trabalho.

Entretanto, já trabalhava para uma casa do Porto, que me pôs alguns problemas quando entreguei a minha primeira obra. O dono da loja disse-me que, se eu conseguisse corrigir alguns defeitos, teria tra-

balho para noite e dia. Propôs-me que fosse umas tardes ao Porto, aprender com um dos melhores artistas portugueses, que trabalhava nessa casa. Eu só pagava as viagens e perdia o tempo, a casa é que pagava ao artista. Assim foi e, passado algum tempo, a casa dava-me trabalho de dia e de noite. Desde essa altura, nunca mais tive problemas de trabalho até aos dias de hoje, e cada vez mais.

E. S. — As violas de rock foram o grande impulso na sua carreira. Como é que estas surgem no seu trajecto profissional?

D. M. — Foi esse casal da casa do Porto que apareceu na minha casa com uma viola de rock importada da Alemanha e perguntou-me se eu era capaz de fazer igual. Disse-lhe

logo que não, por causa do acabamento que era muito sofisticado. Eles disseram que só queriam a viola em branco e eu pus mãos à obra. Passados uns dias estavam eles à minha porta a oferecer-me um contrato. Queriam que fizesse o maior número de violas possível, mas exclusivamente para aquela casa. Lembro-me que, naquela altura, me davam mais setenta escudos por viola; isto em 1960, era muito dinheiro!

Comecei a fazer então quatro violas por semana e uns biscates. Até que decidi dedicar-me só às violas, e fazia então cinco. Recordo-me que na altura muita gente foi para França e para a Alemanha, e eu disse ao meu sogro que ia ser aqui a minha França e Alemanha. Trabalhava todos os dias, e até ao Domingo, e



Alguns instrumentos que aguardam oportunidade na oficina de D. Machado de serem reparados - Foto E. Souto

conseguia fazer sete violas por semana. Aguentei-me dois anos neste ritmo, até que tive um esgotamento e fui obrigado a moderar o trabalho. Mas foi com as violas de rock que arranjei dinheiro para restaurar a casa onde vivo e a outra onde está o museu.

E. S. — O Ultramar também o ajudou a ter mais fama e foi uma importante fonte de rendimento. Conte-nos qual era, na altura, o papel dos instrumentos musicais.

D. M. — É verdade que no Ultramar ganhei muito dinheiro. Houve uma empresa comercial que me mandou dizer que precisava de trinta cavaquinhos caboverdianos para oferecer aos soldados que combatiam em Angola. Eu disse que não podia, pois tinha já muito trabalho, e dei a desculpa de não conhecer o instrumento. Uns dias depois, mandaram lá a casa um indivíduo com um exemplar e pediram-me o orçamento. Acabei por dar-lhes um orçamento muito alto para eles não o pegarem. Só que eles pagaram e tive mesmo de fazer os instrumentos.

Outra vez, tive uma encomenda de bandolins, para oferecer por alturas de Natal aos militares que combatiam em África. Eu bem lhes dava sempre orçamentos muito altos, mas eles acabavam sempre por pagar. Essa foi uma época em que trabalhei muito e organizei a minha vida.

E.S. — A sua vida foi sempre cruzada por felizes coincidências, refiro-me à sua amizade com Ernesto Veiga de Oliveira. Foi através dele que teve contacto com valiosos instrumentos que actualmente compõem a sua colecção?

D. M. — Tive muita sorte com

alguns encontros, principalmente em estar ligado a Ernesto Veiga de Oliveira. Através dele fui o primeiro violero do norte do país a fazer as violas campaniças e as beiroas, instrumentos que, até aí só existiam nas suas regiões de origem, pelo que pouca gente as conhecia. O facto de estar ligado ao museu deu-me a possibilidade de ter nas mãos instrumentos raros e tive acesso a moldes e a documentos muito antigos, que me permitiram estudar as origens dos instrumentos, e conheci muitos coleccionadores.

E.S. — E o Museu dos Cordofones, como surgiu?

D. M. — Andava há anos a trabalhar para os maiores coleccionadores a nível nacional e da Europa, entre eles um afamado advogado italiano que queria que lhe vendesse a minha colecção. Eu não a vendia por dinheiro nenhum e acabei por lhe fazer uma colecção de violas e cavaquinhos.

Nessa altura, apercebi-me que todos tinham boas colecções feitas por mim e eu não tinha nada. Andei a matutar nisto e acabei por confessar à família que iria fazer a minha colecção, e todos me apoiaram. Eu tinha já muita coisa. Os instrumentos estavam dentro de caixotes e em cima dos pipos de vinho. Nem sabia ao certo o que já tinha. Para o museu, comecei pelas violas típicas portuguesas, e o resto foi surgindo e ainda não acabei.

“Esta é uma arte que leva uma vida a aprender”

E. S. — Inaugurado em 1995, o seu Museu é um caso exemplar, pois

não se limitou a ceder os instrumentos, construiu também o espaço. Nunca chegou a receber apoios para a sua concretização?

D. M. — Este Museu foi construído às minhas custas, numa casa arruinada que restaurei neste terreno à face da auto-estrada Porto-Braga, aqui em Tebosa. Recebi algumas propostas, mas a minha colecção é uma herança para ficar na família. Pretendiam que eu cedesse a minha colecção, isso não faço.

Do meu bolso saíram cerca de quinze mil contos para a criação do Museu. Isto para não falar nos custos de manutenção que tenho todos os anos. Tenho aqui para cima de cinco mil horas de trabalho!

E. S. — Qual o futuro do Museu dos Cordofones?

D. M. — O Museu continuará a crescer; ainda tenho alguns instrumentos para acrescentar à colecção. É pena não dispor de mais espaço, para mostrar os instrumentos como eles merecem, pois estão todos muito juntos. Este Museu tem recebido muita gente, cada vez mais pessoas vindas de todo o país e até do estrangeiro. Quero continuar a receber as pessoas e passar o testemunho desta arte que leva uma vida a aprender.

E. S. — São muitos os alunos que o procuram para estagiar na oficina. As escolas trazem os alunos de visita ao museu. Face a esse interesse, como estamos em relação ao ensino da construção de instrumentos musicais?

D. M. — Tenho pena mas não posso acolher alunos cá na oficina para estagiar. Mas recebo sempre as escolas e ajudo sempre que posso os alunos dos conservatórios que precisam de material. Há pouco tempo até houve um curso de fabrico de instrumentos populares em Guimarães. Os alunos interessam-se, mas acho que ainda estão muito verdes. Precisam de trabalhar muito. Esta é uma arte que não pode ser vista só pelo dinheiro, pois tem de ser feita com gosto... ●